

Doença ambiental reúne ministros do Cone Sul

Isabel de Paula

A relação entre a degradação ambiental e a perda da qualidade de vida no planeta deixou de ser tema restrito ao discurso de ambientalistas, antes taxados como "ecologistas" radicais, para transformar-se numa preocupação de governos de todo o mundo. Nos dias 29 e 30 de julho ministros de saúde dos países do Cone Sul (Brasil, Uruguai, Argentina, Chile e Paraguai), além da Bolívia, vão se reunir em Brasília para, entre outras coisas, discutir medidas conjuntas de combate às doenças ligadas aos problemas ambientais.

O Brasil levará à reunião um verdadeiro diagnóstico sobre "Ambiente e Saúde" no País, elaborado pela Divisão de Ecologia Humana e Saúde Ambiental (Diehsa) do Ministério da Saúde. O documento revela que os danos ao meio ambiente, sobretudo à qualidade da água, são responsáveis por boa parte das doenças. De todas as internações hospitalares registradas, 65 por cento estão associadas às doenças de veiculação hídrica, como cólera, febre tifóide, gastroenterites, diarreias, leptospirose, hepatite e outras.

Estas doenças, praticamente erradicadas nos países do Primeiro Mundo, ainda atormentam os latino-americanos pela falta de saneamento básico. No País, apenas cinco por cento do esgoto coletado é tratado, o que significa que 10,5 bilhões de litros de detritos são lançados diariamente nos rios sem qualquer tratamento. "Essa triste realidade nos leva a ter a quarta maior taxa de mortalidade infantil da América Latina, com um índice de 83 mortes para cada mil nascidos vivos", lamenta o diretor da Diehsa, Nestor Borba.

Doenças como a malária, a dengue e a febre amarela, eliminadas do País no início do século, voltaram com toda a força. A água parada e não saneada é o local propício para a proliferação das larvas dos mosquitos transmissores. A despreocupação com o destino do lixo contribui para o agravamento da situação. Ao todo o País deixa de coletar os de-

tritos dispensados por uma população estimada de 30 milhões de habitantes. Desse total, 63 por cento vão diretamente para os cursos d'água, aumentando a contaminação e a transmissão de enfermidades.

Outros riscos — No documento, a Diehsa ressalta os efeitos sobre a saúde humana de atividades incrementadas com o acelerado ritmo do desenvolvimento na América Latina nos últimos anos. A poluição ambiental, provocada pela fumaça de indústrias e pelo uso excessivo de agrotóxicos, vem desencadeando patologias agudas, como intoxicações, doenças crônicas e degenerativas. Segundo os dados do órgão, 80 por cento dos casos de câncer no País estão relacionados

com causas ambientais. A gravidade da situação levou o Ministério da Saúde a lançar o Projeto de Avaliação da Saúde em Áreas Críticas de Poluição, sobretudo em Cubatão, na região sul de Santa Catarina e nos pólos industriais.

As mesmas empresas que poluem o macro ambiente são responsáveis pela poluição do microambiente, ou seja, o local de trabalho. A consequência disso são as doenças profissionais. Ao todo o MS reúne 21 doenças de trabalho numa lista defasada em relação à realidade. As principais são as perdas auditivas por ruído excessivo, dermatoses ocupacionais, intoxicações por metais e efeitos à exposição a solventes.